

**ROSE
MARIE
MURARO**

**OS SEIS
MESES EM
QUE FUI
HOMEM**

8ª edição revista



Rio de Janeiro
2020

Copyright © Instituto Cultural Rose Marie Muraro, 2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Muraro, Rose Marie, 1930-2014

M946s Os seis meses em que fui homem [recurso eletrônico] / Rose Marie Muraro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5587-148-7 (recurso eletrônico)

1. Muraro, Rose Marie, 1930-2014. 2. Feminismo – Brasil. 3. Mulheres – Condições sociais – Brasil. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

20-67432

CDD: 305.42

CDU: 141.72

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos desta edição adquiridos pela

EDITORA ROSA DOS TEMPOS

Um selo da

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

SUMÁRIO

Nota da editora

Apresentação: Precisamos falar sobre Rose Marie Muraro, Marcia Tiburi

Introdução

1. A vida insatisfeita
2. As mulheres
3. Um tumultuado caminho teórico

PRIMEIRA PARTE: SEXUALIDADE

4. Sexualidade masculina
5. Sexualidade feminina
6. Sexualidades feminina e masculina
7. Alguns exemplos do impasse
8. Separação e união
9. A mãe todo-poderosa
10. O público e o privado

SEGUNDA PARTE: SEXUALIDADE E PODER

11. A fabricação do inconsciente
12. A fabricação da sexualidade
13. Sexualidade, saber e poder

TERCEIRA PARTE: O PODER

14. Os seis meses
15. As dimensões do poder
16. A religião como fonte de poder
17. O mito

18. O jogo pesado
19. O controle das mentes
20. A revolução que faltava
21. A resistência aqui
22. A espaçonave Terra
23. O fim do milênio

QUARTA PARTE: O DESEJO

24. Depois dos seis meses
25. Mas, afinal, quem é o ser humano?
26. O desejo imortal
27. As fases da libido
28. Sublimação e morte
29. Sublimação e analidade
30. Individualismo e poder
31. A sagrada fome de ouro

QUINTA PARTE: A SAÍDA, ONDE ESTÁ A SAÍDA?

32. Pai primevo e mãe primeva
33. A sexualidade das meninas
34. Corpo e cultura
35. O andrógino
36. A ressurreição do corpo
37. As alternativas da sublimação
38. O fim da história
39. Consciência e transformação
40. Conclusão: A vida vivida

NOTA DA EDITORA

Este livro foi escrito em 1990. Porém, engana-se quem imagina encontrar nele uma discussão ultrapassada. Rose Marie Muraro estava à frente do seu tempo.

Contudo, com Walter Benjamin, sabemos que a narradora retira da experiência o que conta e mantém fidelidade à sua época.

Por isso, leitoras e leitores do século XXI encontrarão neste livro alguns termos que são marcos de décadas atrás e já não se usam, como na “novela das oito”, a indicação da existência de países socialistas, a moeda corrente ser o cruzado, entre outros.

Há também algumas ideias que mostram como preconceitos de todos os tipos ainda estavam arraigados mesmo nos estratos mais informados da sociedade. Certamente a autora hoje não escreveria certos termos, uma vez que se nota no livro e na sua trajetória seu esforço inclusivo.

Preferimos não atualizar as afirmações porque acreditamos que tudo isso nos ajuda a entender a linguagem de Rose Marie Muraro e a época em que o livro foi escrito. Atualizar essas informações seria também descaracterizar o livro.

Rose Marie Muraro é Patrona do Feminismo Brasileiro. Foi importante voz de resistência durante a ditadura militar como

editora da Vozes. Fundou a primeira editora feminista do Brasil, a Rosa dos Tempos.

APRESENTAÇÃO

PRECISAMOS FALAR SOBRE ROSE MARIE MURARO

Rose Marie Muraro foi uma escritora, intelectual e editora importantíssima para o Brasil de todos os tempos. Acima de tudo, ela foi uma feminista que, dentre as muitas distinções de sua vida, recebeu o título de Patrona ou, se quisermos adaptar, Matrona do Feminismo Brasileiro.

No mundo patriarcal, a invisibilidade é um fardo para as mulheres, aquelas a quem é permitido estar no mundo apenas em posições secundárias, aquelas que não têm o direito de estar presentes em posições de destaque e de poder. Mas Rose Marie Muraro ultrapassou essa barreira como intelectual pública, em uma época em que isso era muito raro, como ainda hoje é. Nesse sentido é que precisamos falar sobre essa personagem histórica, pois sua contribuição intelectual para o nosso país ainda não foi suficientemente compreendida. Sua obra não foi ainda suficientemente lida. E sua forma de fazer feminismo, orgulhosa e corajosamente, ainda não foi inteiramente assimilada. A nós, mulheres feministas, herdeiras de seu legado, cabe recuperar a história de luta e o pensamento de uma heroína como ela. E isso porque devemos a mulheres como

Rose Marie Muraro as portas arrombadas, com seus delicados pontapés, nas quais podemos entrar hoje.

Nascida em 1930 e falecida em 2014, Rose Marie Muraro é tão importante para nós como Simone de Beauvoir, para a França; como Maya Angelou, para os Estados Unidos; como Rosa Luxemburgo, para a Alemanha, isso para citar alguns nomes bem fortes que nos ajudam a situar a grandeza dessa personagem histórica fundamental no feminismo brasileiro.

Criadora da Rosa dos Tempos, primeira casa editorial feminista do Brasil, Rose Muraro se preocupou com o mais fundamental: tornar o livro acessível. Ela buscou criar uma cultura literária e ensaística feminista. Com isso, veio a ajudar a quem pudesse se interessar por sua complexa causa, a entender os jogos de poder históricos, as repressões e os recalques que foram lançados sobre o corpo, tanto de mulheres quanto de outros gêneros. E fez isso movendo o mundo do livro, que constitui o caminho da formação de gerações inteiras.

Muito à frente de seu tempo, Rose Marie Muraro estudou física e economia, recebeu vários prêmios importantes, escreveu mais de quarenta títulos e, como editora, publicou mais de mil livros. Além de tudo, ela se candidatou à Câmara dos Deputados para fazer parte da Constituinte de 1988, mote deste livro que temos em mãos, que a levou a avaliar em nova chave a história da sexualidade e do poder que ainda hoje afeta a política em todos os países.

De fato, sempre se pode contar a história de alguém a partir de seus feitos públicos. No caso de Rose Muraro, o seu foi ao mesmo tempo um feito particular, privado e singular, a saber, tornar-se quem ela era. Tornar-se Rose Marie Muraro. De fato, a sua principal realização diz respeito à prática do princípio

fundamental do feminismo: o direito de tornar-se quem se é. Se há algo que o regime patriarcal, na teoria e na prática, proíbe às mulheres é que se tornem quem são. Ou seja, sob o signo do machismo e da misoginia, não se espera que mulheres encontrem um caminho próprio, nem que se dediquem a refletir sobre si mesmas e sobre o mundo, encontrando soluções para seus problemas e para os problemas do mundo, entre eles o machismo, a misoginia e todas as formas de violência contra minorias políticas.

Sob o patriarcado, se interditam as mulheres que não dependam nem se sintam na obrigação de servir aos homens. Não obedecer é evidentemente algo tratado como uma heresia. Para uma mulher em qualquer contexto — pois no patriarcado os cenários são praticamente todos machistas —, é sempre perigoso dizer o que se pensa. E se uma mulher não se preocupa em agradar ao regime patriarcal, facilmente ela se torna malquista e pagará alto preço por isso. Em certas épocas, mulheres donas de si, livres e diferentes da ordem exigida pelo regime de opressão machista foram chamadas de “bruxas” e pagaram por crimes que não cometeram, em fogueiras erguidas por homens diabólicos, que projetavam nelas toda a sua maldade. Diante da história de injustiças sofridas por muitas mulheres e por ela mesma, Rose Marie Muraro não se intimidou e continuou seu percurso de descoberta de si e do mundo tal como vemos exposto neste brilhante *Os seis meses em que fui homem*.

Rose Marie Muraro nos serve de exemplo e inspiração. Para que uma mulher se torne quem ela é, ela precisa tomar posse de sua história de vida, compreender os fatores que interferem na construção de sua vida objetiva e subjetiva. Nesse momento, ela

aprende a contar sua própria história, aprende a narrar a si mesma. Ela não é mais um objeto do patriarcado, mas um sujeito. De posse do seu passado, seu presente se altera, seu futuro se abre. Ela se torna livre.

Podemos dizer que, nesse momento, uma mulher se torna feminista, mesmo que, inicialmente, ela não use esse nome para explicar a si mesma. Rose Marie Muraro foi uma feminista orgulhosa de si, mas, sobretudo, o feminismo foi para ela o descortinar da verdade que todo espírito livre busca.

Rose Marie Muraro tornou-se conhecida como escritora de livros ousados e complexos. Ela era uma ensaísta invulgar como as leitoras e os leitores poderão ver, uma erudita expressiva, uma mulher sem medo. Como dizia Simone de Beauvoir, uma mulher sem medo dos homens coloca medo nos homens. Rose Marie Muraro não se deixou afetar por esse aspecto. Seguiu escrevendo e procurando fazer da escrita um espaço de liberdade e de partilha de saberes e de potencialidades. Embora tenha sofrido como outras quando decidiu falar de sexo, despertando ódio em fundamentalistas moralistas, ela foi muito admirada e respeitada. Certamente, foram sua honestidade, sua singularidade e a extensão de seu olhar que fizeram dela uma pessoa respeitada ao longo de sua vida por aqueles que respeitam os valores democráticos.

Um olhar extenso é fruto de uma subjetividade que se expande.

Neste *Os seis meses em que fui homem*, Rose Marie Muraro consegue trançar dois fios fundamentais da história humana, o da sexualidade e o do poder para situar aí a história da diferença sexual que ela atribui à cultura patriarcal e sua necessidade de

manter os privilégios masculinos a partir da submissão feminina.

Envolvendo arqueologia, estatística, física, história e sexologia, *Os seis meses em que fui homem* é um ensaio aberto, que tenta dar conta das principais questões do seu tempo, autoritarismo e religião, guerra fria e teologia da libertação, abertura política e democracia. No meio disso tudo, ela, como candidata, perde o emprego na Editora Vozes por publicar *Sexualidade, libertação e fé: por uma erótica cristã*. Rose Marie Muraro o escreve na sequência de sua candidatura, no auge de sua popularidade. Lendo o livro, podemos nos perguntar como ela conseguia ter tanto em mente e ver tantas conexões entre tantos aspectos. Rose era uma mulher genial.

Em um mundo de mentes desconectadas, como infelizmente até hoje, a de Rose Marie Muraro foi pura conexão.

É importante dizer que neste livro lançado em 1990 e relançado agora pela editora que ela criou, as leitoras e os leitores terão conhecido uma intelectual sem fronteiras, um ser humano cheio de generosidade. Terão aprendido muito com ela sobre a história humana e a desumanidade dos homens. Mas terão aprendido também que toda transformação do mundo, da vida e da sociedade, passa por “nossa capacidade de viver todas as linhas não vividas do nosso ser”. Lendo o livro, descobriremos o que essa intensidade de experiência pode fazer por nós.

Marcia Tiburi

*Jardim Marielle Franco, Paris,
14 de outubro de 2020, aos 945 dias
do assassinato de Marielle Franco*

INTRODUÇÃO

Só pelo título, parece que fui transexual durante seis meses. Mas foi muito pior. A experiência que vivi nesse semestre é para nenhum transexual botar defeito. E foi também uma das mais fantásticas aventuras que a vida colocou diante de uma mulher.

Mas, para que você possa entender o que aconteceu, é preciso que reviva comigo todo o processo que culminou naquele período. E esse processo não é só um processo existencial. É também uma participação no processo histórico do Brasil do meu tempo e, principalmente, um processo de reflexão teórica não só sobre tudo o que aconteceu, mas também uma reflexão criadora *a partir* do que ia acontecendo.

E, pelo que você vai ler aqui, foi essa reflexão teórica que caminhou junto com a experiência que acabou dando uma dimensão inesperada aos fatos. Tudo o que aconteceu mostrava que, se a experiência é fonte de toda teoria, a teoria também alarga muito a experiência.

Viver todos vivem, mas o problema é saber não recusar os desafios que a cada minuto a vida propõe. A esmagadora maioria dos seres humanos rejeita esses desafios e por isso continua presa a padrões previsíveis de comportamento, quando viver plenamente significa ir quebrando esses padrões e a cada momento encontrar-se no desconhecido.

Pois foi esse desconhecido que me fascinou, quase me matou, mas não me arrependo de ter seguido o seu apelo. E é esse percurso que desejo que você faça comigo agora.

1. A VIDA INSATISFEITA

Todos sabem que, antes de ser feminista, trabalhei com a Igreja progressista. Mas esse trabalho só começou a tomar contornos mais definidos no início da década de 1960, pois, na década de 1950, parecia não haver saída. As mulheres da minha geração, que então eram muito jovens, tinham que casar cedo. Se não, ficavam encalhadas, mercadorias sem valor.

Para meu azar, tinha estudado física, aliás com muito sucesso. Mas acabei largando a faculdade quase no fim do curso para me casar. O motivo pelo qual deixei de estudar, porém, não foi propriamente o desejo de casar. O fato era que eu intuitivamente percebia a esquizofrenia da ciência. Os meus colegas que se dedicavam mais seriamente ao estudo me pareciam tão ordeiros, tão disciplinados, e eu me via uma caótica, procurando gozar a vida, namorar, e tinha um bruto complexo de inferioridade por isso.

Fiquei aterrorizada quando quase todos eles, um a um, foram sendo internados em sanatórios psiquiátricos. A resposta do enigma me veio quando li por acaso uma frase de Chesterton, na época muito badalado: “Quem fica louco não é o poeta que põe a cabeça na lua, mas o físico que quer pôr a lua na cabeça...” Foi o suficiente para que eu abandonasse tudo. Mas aquela experiência me marcou para o resto da vida. O

convívio íntimo com a ciência mais abstrata me mostrou na carne as ambiguidades desse tipo de pensamento, e posso afirmar que o que digo hoje nas conclusões deste livro não são considerações generalizantes, mas, para mim, verdades profundamente vividas e sofridas.

Alguns anos depois, a angústia era outra. Acostumada com a atividade intelectual e a militância no meio universitário, não me conformava com os trabalhos da casa. Aquilo me parecia muito limitador. Os filhos iam nascendo, e eu ficava cada vez mais frustrada. Foi então que resolvi ser mística! Se a saída não existia aqui, deveria estar na transcendência... Foi uma fase intensamente voltada para dentro de mim mesma, muito poética mas também muito solitária. E os poemas que escrevi nessa fase refletiam ao mesmo tempo essa busca de fusão e essa profunda solidão. Por incrível que possa parecer, também não era satisfatória a relação com Deus...

A primeira saída humana, a que me conectou com o mundo, encontrei quando, no início dos anos 1960, mostrou-se possível uma esquerda dentro da Igreja. Desde antes da universidade eu militava nos movimentos de jovens cristãos e estivera sempre em contato com eles, de modo que muitas reuniões se passaram em minha casa. Foi um grande debate público. Dele participaram os estudantes, parte da *intelligentsia* brasileira de um lado, e de outro, a Igreja conservadora, a classe média reacionária, enfim, todas as forças que seriam intensamente mobilizadas naquela véspera do golpe de 1964.

Em 1961, por falta de dinheiro e com uma quarta filha, recém-nascida, comecei a trabalhar na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Foi naquela época que eu senti realmente quais eram os caminhos da saída. Ali eu conseguia